

Na selva amazônica, a luta pela alfabetização

Comunidade de Pauini muda rotina com programa do governo federal apoiado pela iniciativa privada

ROSA BASTOS

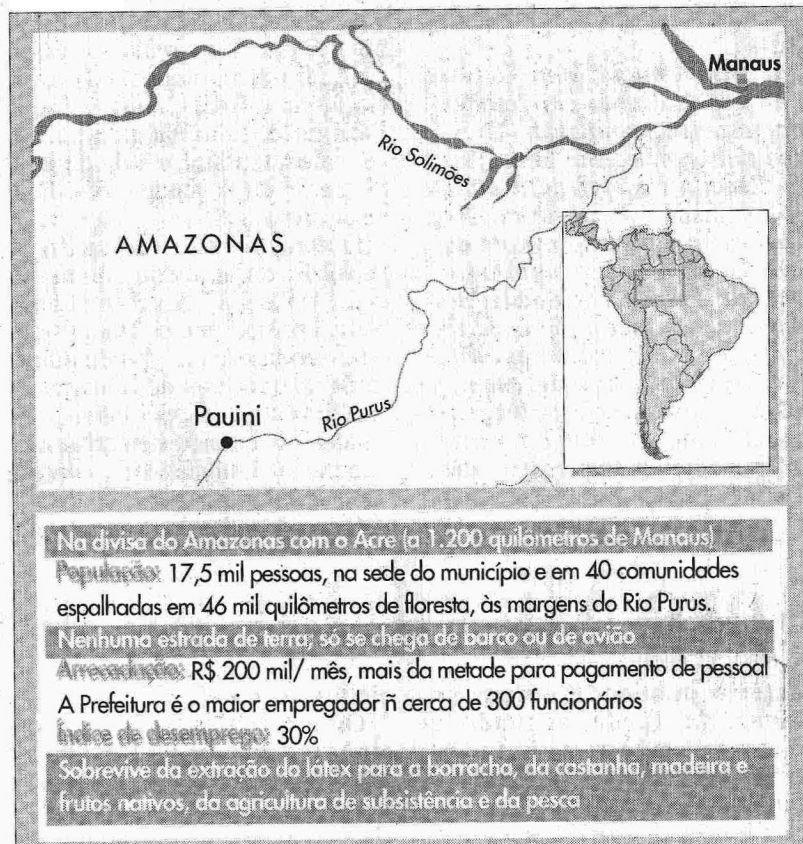
Enviada especial

PAUINI – É meio-dia em Pauini, um vilarejo perdido no mapa, em plena selva amazônica, tristemente famoso pelo seu índice de analfabetismo, 81,23%, o maior do país. O lavrador Luiz Torres Nascimento, de 45 anos, deveria estar cuidando da plantação de milho. Mas está em uma sala de aula, com paredes de madeira e teto de zinco que a transformam num forno, tentando aprender a ler e a escrever. “Sou meio rude, mas já consigo fazer meu nome todinho, tá vendo?”

Por causa da escola, Nascimento mudou sua rotina. Agora, madruga ainda mais, trabalha na roça até as 11, vai para a aula e, depois, para o rio mariscar. As aulas, noturnas no começo, mudaram de horário porque em Praia da Conceição, uma das 40 comunidades da zona rural de Pauini, onde ele vive, não tem luz. “Para os mais velhos, de vista ruim, o lampião não clareava”, explica. À noite, ainda sopra uma leve brisa. De dia, além do calor torturante, é preciso lutar contra outro inimigo, quase invisível, mas que se sente profundamente na pele: os piuns.

Esses insetos cobrem a pessoa como uma nuvem fina e terrível. A primeira picada incomoda, a segunda irrita, as outras são um tormento. Em instantes o corpo fica coberto de marcas vermelhas que podem infeccionar, dar febre. O jeito é cobrir-se todo. Mas quem agüenta o calor? Pois nesse inferno, debatendo-se em movimentos nervosos para livrar-se dos bichinhos, as pessoas estudam. Ou tentam.

O Programa Alfabetização Solidária, do governo federal, começou no ano passado em 38 municípios com as mais altas taxas de analfabetismo do País. Agora estão sendo alfabetizados 75 mil



alunos em 148 municípios do Norte e Nordeste, segundo Regina Esteves, coordenadora do programa, que é apoiado pela iniciativa privada. Pauini foi “adotado” pela Volkswagen, em parceria com a Universidade São Marcos, de São Paulo.

Os alfabetizadores, recrutados entre a parcela “letrada” da população e treinados pela Universidade, começaram dando aulas a dez classes de 25 alunos, na sede de Pauini e nas comunidades que ficam às margens do Rio Purus. Este ano, só há cinco classes funcionando porque a prática mostrou que não dava para atender bem a todas. Para se chegar nas mais distantes, de “voadeira” – lancha com motor potente – leva-se dois dias.

Após cinco meses de aula, alguns alunos mal conseguem copiar

palavras. Como se espera que eles ao menos reconheçam o alfabeto, façam pequenos textos e as quatro operações, o curso continua por mais meio ano. “Sei fazer a letra mas não sei o que ela quer dizer”, confessa Raimundo Ferreira dos Santos, de 56 anos, aluno assíduo, que só agora aprendeu o alfabeto, mas já sabia contar. “Aprendi com minha avó, que me ensinou com carinhos de milho.”

ESTUDA-SE EM MEIO AO CALOR E AOS INSETOS

Como delegado do Sindicato Rural dos Trabalhadores, o seringueiro Antonio Renato da Costa, pai de 13 filhos, andava por esse “mundão de Deus todo” sem saber ler direito. “Eu decorava o número dos ônibus.” Emocionado, ao receber o certificado de frequência do curso de alfabetização, confessa, entretanto, que ainda não consegue ler tudo o que está escrito nele. “Rapaz, estou co-

nhecendo só o meu nome, por causa da letra graúda!”

Costa, como muitos outros adultos que estão sendo alfabetizados, não enxerga direito. Por isso, agora eles estão passando pelo oculista e ganhando óculos do programa. Francisca, mulher de Costa, não estudou quando moça porque o pai achava “mais importante” que ela trabalhasse na lavoura. “Para destrinchar o que ela escrevia, era uma luta; hoje, escreve até cartas para os filhos”, conta o marido, orgulhoso. “Essa tal de alfabetização desarnou (desenvolveu) muita gente.

Força de vontade – Para o professor Antonio Carlos Lima Barreto, o Zuquinha, de 28 anos, aprendendo a ler e escrever e, sobretudo, a fazer contas, o seringueiro deixará de ser enganado pelos patrões e pelos “marreteiros”, os comerciantes do rio que trocam o látex, por sal, açúcar e óleo. “Eles são enganados no peso e no preço e estão sempre devendo. Eles têm a maior força de vontade para aprender, mas as mentes estão duras”, diz. “Se fosse um trabalho braçal, resolviam fácil.”

Para muitos, a grande conquista, depois do próprio nome, é conseguir escrever uma cartinha, ainda que cheia de erros. “Esse tempo só dá para o pontapé inicial”, admite Virgínia Liebert Nina, psicóloga do Núcleo de Alfabetização da Universidade São Marcos que, há dois anos, divide-se entre a sua vida em São Paulo e a dos seringueiros de Pauini.

Coberta de repelente e tendo sempre à mão um antialérgico, Virgínia enfia-se no mato e gasta muita saliva convencendo o pessoal a estudar. “Numa certa época, nossa grande rival era a *Maria do Bairro*”, comenta. A novela mexicana era exibida pelo SBT bem na hora da aula noturna de alfabetização.

Só agora, aos 12 anos, Ivaneide Teixeira conseguiu entrar na 1.ª série, depois de ter sido alfabetizada, no ano passado. “Fui tão tarde porque morava no seringa”, conta. “Parece que conheci um novo mundo.”